

Levantamento das plantas medicinais utilizadas como antiofídicas nas reduções jesuítico-guaranis (Província Jesuítica do Paraguai, séc. XVII e XVIII)



WELTER, Samuel Cristiano ^{1,3}; FLECK, Eliane Cristina Deckmann²

Projeto: "Medicina e Missão na América Meridional: Epidemias, Saberes e Práticas de Cura (séculos XVII e XVIII)"

¹Bolsista PIBIC/CNPq; Curso de Ciências Biológicas, UNISINOS. ²Professora orientadora; Centro de Ciências Humanas. ³Autor para correspondência; Contato: scwelter@gmail.com



Introdução

Em várias das reduções jesuíticas guaranis foram instalados herbários e boticas, que, por apresentarem um amplo acervo de plantas medicinais, causaram a admiração de naturalistas e historiadores ⁽³⁾. A partir da rigorosa observação e de experiências feitas com as plantas medicinais nativas, alguns jesuítas elaboraram catálogos e receitas, nos quais constavam várias informações sobre plantas, bem como as indicações para as mais variadas patologias. Tendo em vista a recorrente menção a acidentes com animais venenosos nos documentos redigidos por jesuítas, apresento um levantamento das plantas medicinais que podem ter sido utilizadas nas reduções nos casos de acidentes com serpentes peçonhentas. Constitui também objetivo, cotejar as atribuições que foram dadas pelos jesuítas a estas plantas com as que são referidas em trabalhos de botânica e de farmácia atuais.

Referencial teórico-metodológico

Para a identificação das plantas que teriam sido utilizadas, consultei, principalmente, a obra *Matéria Médica Misioneira*, escrita em 1710, pelo médico e jesuíta Pedro de Montenegro. Nesta obra, encontramos relacionadas as virtudes medicinais de uma série de plantas, além de descrições e ilustrações das mesmas. Vali-me também de obras atuais de botânica, etnobotânica e etnofarmacologia, com destaque para autores como Bertoni (2008), Corrêa (1984), Matos (2008), Mentz (1997), Noelli (1998), Ricciardi (1996), Santamaría (2003), Vilar (2005) entre outros.

Resultados e Discussões

Na documentação jesuítica, em especial, nas Cartas Anuais, fica evidente a preocupação dos missionários em descrever o ambiente natural, em especial, a flora e a fauna. Em relação a esta última, constata-se que alguns dos animais eram temidos, não apenas por sua ferocidade, mas por se encontrarem em áreas de densas florestas, de ambientes pantanosos ou em áreas de galerias de rios, junto às quais se estabeleceram as Missões. Os animais mais relatados eram as serpentes, referidas por eles como "víboras", constituindo, sem dúvida, a maior preocupação, pois atacavam os índios com muita frequência em determinadas situações de desequilíbrio ecológico-climático. Nestas Cartas, as "víboras" assumiram também outra função, pois eram vinculadas à ação do demônio ou, então, à punição divina.

Em seu tratado, o Ir. Montenegro refere uma série de plantas para uso específico em acidentes com animais peçonhentos (figura 1). As ilustrações e as descrições botânicas que ele faz destas plantas – em sua maioria, herbáceas – não permitem uma identificação segura em nível de espécie, apenas do gênero ou da sua família botânica.

Nome na obra	Nome popular	P.*	H	Espécie	Família
Esquinanto	Tiririca	83	Er	<i>Cyperus sp.</i>	Cyperaceae
Palo-de-culebras	Barbasco	101	Li	<i>Cissampelos pareira</i>	Menispermaceae
Yerba de la víbora	Malva	325	Arb	<i>Sida paniculata</i>	Malvaceae
Yerba de la víbora	Guaxuma	329	Arb	<i>Sida rhombifolia</i>	Malvaceae
Taropé	Caapiá	109	Er	<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Moraceae
Solimán de la tierra	-	122	Er	<i>Euphorbia sp.</i>	Euphorbiaceae
Batatilla Don Antonio	Ginsen	312	Er	<i>Pilea tuberosa</i>	Amaranthaceae
Aristolochia rotunda	Aristolochia	130	Li	<i>Aristolochia spp.</i>	Aristolochiaceae
Aguarandio miri	Jaborandi	277	Arb	<i>Pilocarpus pennatifolium</i>	Rutaceae
Nardo	Angélica	63	Er	<i>Polianthes tuberosa</i>	Agavaceae

Figura 1 – Levantamento das plantas medicinais empregadas pelos índios guaranis e jesuítas em acidentes com animais peçonhentos, segundo Pedro de Montenegro (1710) com as possíveis espécies. Legenda: H – hábito, Er – erva, Li – liana, Arb – arbusto, Ar – árvore
* Corresponde a página da *Matéria Médica Misioneira*, em que podem ser encontradas as descrições da respectiva planta.

No levantamento feito na *Materia Médica Misionera* identificamos dez plantas que, segundo Montenegro (1710), tinham propriedades antiofídicas. Eram plantas de hábito herbáceo, arbustos ou lianas, e, algumas [em número reduzido], eram árvores. Quanto às famílias botânicas, evidenciou-se a heterogeneidade de plantas empregadas pelos indígenas, encontrando-se registros de nove famílias botânicas.

Referências Bibliográficas

- BAUER, L. et al. Furanocumarinas de *Dorstenia brasiliensis* Lam. *Caderno de farmácia*, Porto Alegre, v.2, n.2, p. 163-170, 1986.
- BERTONI, Mônica. De la medicina guarani: *Etnografía sobre plantas medicinales*. 1ed. Córdoba: Buena Vista Editores, 2008.
- FLECK, Eliane C. D. Sobre feitiços e ritos: enfermidades e curas nas reduções jesuítico-guaranis. *Varia História*, Minas Gerais, n. 33, jan, 2005
- MATOS, F. J. Abreu; LORENZI, Henri. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2 ed. Nova Odessa, SP: Instituto plantarum, 2008.
- MENTZ, L. A. et al. *Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: notas sobre a obra de D' Ávila (1910)*, 1997.
- MONTENEGRO, Pedro. S. J. *Matéria medica misionera*, 1710. Em: http://www.bvp.org.py/biblio_html/montenegro/index.htm.
- NOELLI, Francisco Silva. *Múltiplos usos de espécies vegetais pela farmacologia guarani através de informações históricas*, 1998.
- RICCIARDI, Armando. *Identificación botánica de plantas descritas en Mat. Med. Mis. usadas em accidentes ofídicos*. 1996.
- SANTAMARÍA, Daniel J. *Archivo de plantas medicinales de zonas aborígenes y campesinas de sudamérica*. 1 ed., 2003
- VILLAR, J. C. *Ofidismo e plantas utilizadas como antiofídicas*. *Biología geral e experimental*, Sergipe, v.6, n.1, p. 3-36, 2005.

A maioria das práticas curativas utilizadas nas reduções provinham do conhecimento dos guaranis, que já detinham um conhecimento empírico vasto, fazendo uso de plantas medicinais, tanto para minimizar os efeitos de envenenamentos, através da neutralização e da eliminação das toxinas, quanto para fortalecer o corpo diante de um "agressor externo"; práticas que foram incorporadas e aprimoradas pelos missionários jesuítas.⁽²⁾

Nome da planta	Ação conferida*	Parte utilizada	Administração
Esquinanto	Vulnerária	Flores e raízes	Externa
Palo-de-culebras	Vulnerária; antifebril	Folhas e Raízes	Externa; Interna
Yerba de la víbora	Vulnerária	Folhas (mastig.)	Externa
Yerba de la víbora	Vulnerária; diurética; antifebril;	Rama e semente	Externa; Interna;
Taropé	Vulnerária; diaforética;	Raiz	Externa; Interna
Solimán de la tierra	Vulnerária;	Látex e folhas	Externa;
Batatilla Don Antonio	Emética	Tubérculo	Interna
Aristolochia rotunda	Vulnerária. tônica	Raiz e flor	Externa; Interna
Aguarandio miri	Diurética; diaforética	Raiz, folhas	Interna
Nardo	Revigorante	Tubérculo	Interna

Figura 2 – Caracterização da administração das plantas empregadas pelos índios guaranis e jesuítas, nos casos de envenenamentos.

* Refere-se aquelas propriedades atribuídas pelos próprios índios e padres jesuítas, que constam na bibliografia histórica.

Em relação aos usos terapêuticos que eram feitos destas plantas (figura 2), constata-se que em alguns tratamentos, seu uso era tóxico e, em outros, seu uso era sistêmico ou previa ambos. As propriedades medicinais se concentravam, principalmente, nas folhas e raízes, mas, em alguns casos, as flores, os ramos e até o látex produzido eram empregados. A principal "virtude" atribuída a estas plantas era a ação vulnerária, devido à propriedades anti-sépticas, anti-inflamatórias e cicatrizantes. Recorria-se a elas também para a eliminação das toxinas do corpo, através do suor, urina e vômito, por suas propriedades antifebris, diuréticas, diaforéticas e eméticas. Alguns autores sustentam, que este era o principal método com que os guaranis tratavam os envenenamentos.

Dentre estas plantas, destaca-se o "taropé", que era empregado pelos guaranis - e, também, pelos jesuítas -, por sua ação tóxica [no local da picada] e neutralizante de toxinas.⁽⁶⁾ A ingestão da decoção de suas raízes levava o paciente à eliminação da peçonha, por meio do excessivo suor.⁽²⁾ Na literatura atual, existem muitas referências ao taropé e as suas propriedades antiofídicas, analgésicas, anti-inflamatórias, diaforéticas, digestivas, diuréticas, eméticas, febrífugas, purgativas, tônicas, estimulantes e anestésicas.^(1,4,5,7)

Algumas Conclusões

É certo que indígenas e jesuítas utilizaram uma série de plantas nativas, no tratamento dos frequentes envenenamentos, contudo, na atualidade, poucas delas são validadas e indicadas, diretamente, como antiofídicas, mas sim com propriedades diaforéticas, diuréticas, analgésicas e anestésicas, que poderiam justificar o seu emprego nas reduções jesuítico-guaranis, partindo da premissa de que para aqueles povos, a eliminação de fluidos corporais, estaria expelindo consigo as peçonhas das serpentes.